

# CONTRA-(des) -INFORMAÇÃO

Nº 14

9/V76

BOLETIM INFORMATIVO do Gabinete de Informação da Dir. Geral da A.A.C.

## FORJAR A UNIDADE ANTIFASCISTA

Os acontecimentos da ultima quinzena vieram tornar mais claros os perigos de restauração do fascismo e terão, sem dúvida, contribuído para aproximar todos aqueles que estão apstados em impedir o regresso do fascismo.

Igualmente nas escolas se fazem sentir os perigos de regresso a uma situação semelhante à que existia antes do 25 de Abril. Estudantes e professores reacccionários aparecem já a tentar impôr a sua vontade em Assembleias, dão-se tentativas de reintegração de fascistas anteriormente saneados, algumas delas com resultados, aparecem indícios claros de tentativas para limitar a acção do M.A., de fazer recuar a gestão democrática das escolas e de negar carácter deliberativo às Assembleias. Particularmente significativo é o silenciamento da Pédia Estudantil

e as pressões feitas no sentido de a subtrair ao controle das Associações de Estudantes.

Importa, pois, que os estudantes se unam em defesa das suas conquistas e que continuem a ser, como foram no passado, um forte destacamento do movimento antifascista de todo o povo português. Importa que se desenvolva o trabalho unitário e, em primeiro lugar, que se consolide e desenvolva o movimento associativo, que se reforcem as suas características de grande movimento unitário de massas. Importa que todas as bagreiras do sectarismo que possam dividir os antifascistas sejam ultrapassadas, que saibam sempre definir o inimigo comum, o fascismo, e o aliado principal, o movimento popular antifascista.

## A REPRESSÃO TOMA FORMA

1. Forças policiais armadas entraram e selaram, por ordem do Ministro do Trabalho, as instalações do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Fermentativos. A acção é levada a cabo na véspera das eleições para o Sindicato.

2. No Porto, forças da PSP atacam e agredem membros de piquetes de greve, durante a greve dos trabalhadores do sector da Editores e Livreiros.

3. A comissão dos familiares detidos após o 25 de Novembro enviou ao comandante do Forte de Caxias, para onde foram transferidos alguns dos encarcerados de Custóias, o seguinte protesto:

"Senhor Comandante Malo Gaspar, verificando: 1) Que no dia 24 de Dezembro de 1975 foi comunicado ao País, através dos órgãos de Comunicação Social, ter sido levantada a incomunicabilidade a todos os detidos dos militares por causa dos acontecimentos de 25 de Novembro; 2) Que no estabelecimento prisional de Caxias, não foram permitidas naquele dia as visitas aos militares ali detidos; 3) Que no estabelecimento prisional do Porto (Custóias), foram permitidas as visitas acabando assim a incomunicabilidade nesse estabelecimento;

Informamos: 1) Que será dado conhecimento a todas as agências nacionais e internacionais, assim como a todos os órgãos de comunicação so-

cial, que a incomunicabilidade continua no estabelecimento prisional de Caxias; 2) Protestamos energicamente por este facto."

4. Um redactor da Emissor Regional da Madeira, pertencente ao quadro de funcionários da Emissora Nacional foi, sem qualquer inquérito, despedido. O referido funcionário não se encontrava em Lisboa no 25 de Novembro.

5. Em comunicado datado de 30/12/75, a Comissão Antifascista de Apoio aos Revolucionários Presos denuncia a continuação de incomunicabilidade dos Militares Presos em Custóias e a proibição de que advogados e magistrados, ainda que familiares, visitem os presos. Denuncia ainda a censura à correspondência e a livros e a proibição de leitura de jornais, revistas, etc.

6. São brutalmente reprimidas concentrações junto às prisões de Caxias e Custóias de solidariedade aos militares revolucionários presos. Em Caxias, a intervenção provocatória e violenta de uma força de comando é a directamente responsável pelos incidentes e provoca numerosos feridos sem gravidade. Em Custóias, a GNR dispara por longadamação sobre uma multidão de milhares de pessoas. Há 4 mortos e uma dezena de feridos. Os mortos foram todos abatidos pelas costas. Entre os feridos encontra-se uma

manina de três anos, sobrinha de um dos militares detidos, Major Arnão Metello.

7. Por decisão da respectiva Comissão de Inquérito (Militar), foram suspensos 22 trabalhadores do Rádio Clube português, 10 dos quais do sector da informação.

8. O comunicado do Governador Civil do Porto sobre os acontecimentos da Custóias, além de referir uma pretensa tentativa por parte dos manifestantes da prisão de afirmar que estes fizeram fogo sobre a GNR, de concluir que o cidadão alemão assinado tinha entrado clandestinamente no País e de lhe atribuir tenebrosas ligações a organizações políticas portuguesas, este comunicado improvisa um plano conjugado do interior e do exterior da prisão para libertar os detidos, plano esse parcialmente em execução (segundo sua Ex<sup>sa</sup>). O comunicado pormenorizava que os militares detidos tinham mesmo tentado evadir-se, no que teriam sido impedidos em última instância. Desgraçadamente (para o Governador Civil), o posterior esclarecimento dos factos viria a desmentir de ponta a ponta tão peregrino e imaginoso comunicado, que ficará na História como um exemplo típico de mistifica

ção e corrupção, de total desprezo pela verdade.

9. No dia 3, o E.M.G.F.A. divulga um comunicado em que afirma que "foi nítida intenção dos manifestantes, tanto em Custóias como em Coxias, de provocar procedimentos por parte das forças de segurança que possam ser considerados, pela opinião pública, como repressão"... O Estado Maior aluga em defesa desta tese que "em Custóias a entrada, pela porta da prisão, foi forçada pelos manifestantes" e que no meio destes havia indivíduos armados que fizeram fogo e estrogeiros, etc. O E.M.G.F.A. afirma ainda que "as vítimas aparecem no meio da multidão e não entre os manifestantes que pela sua localização teriam mais probabilidades de serem atingidos." O E.M.G.F.A. apenas não se compromete a um inquérito rigoroso e público aos acontecimentos.

10. O Estado Maior do Exército divulga no dia 4 um comunicado em que entre outras considerações se cesa o D.L. de ter dado uma imagem deturpada dos acontecimentos do dia 1 em Coxias, acusação que um posterior esclarecimento do D.L. demonstrou não ser correcto. Nesse mesmo comunicado pode ler-se a finalizar: "aproveita-se a oportunidade para avisar as organizações que tendo instrumentalizado os militares contra-revolucionários do 25 de Novembro e que têm continuado a tentar explorá-los, de que se está atento e se responderá, com toda a vigância..."

... mia pelos capitalistas e a escalada repressiva actual. Isto torna bem claro como o fascismo e o capitalismo em Portugal andam de mãos dadas. Como torna bem claro que a luta pela democracia e a luta pelo socialismo estão intimamente ligadas, e que opôr a primeira é segunda só pode ter as mais trágicas consequências.

## SOLIDARIEDADE E RESISTÊNCIA

De as últimas semanas se caracterizaram pela escalada de medidas repressivas, caracterizou-se igualmente por um forte movimento de solidariedade e resistência a essas mesmas medidas, movimento que indica a tenacidade e a firmeza com que o povo português está disposto a defender as conquistas já alcançadas e a impedir o regresso do fascismo. Este movimento, embora em muitos aspectos pouco espectacular, desenvolve-se e organiza-se à medida que o povo português vai tomando consciência dos perigos que o espreitam e é já uma realidade. Ela conta também com a solidariedade de toda a humanidade progressista. Temos conta, seguidamente, de algumas manifestações deste movimento de solidariedade e resistência, manifestações que, como é natural, têm sido passadas em silêncio, umas vezes mais, outras menos, por grande parte da nossa imprensa: 1) O Tribunal Russel, que agrupa escritores e intelectuais de várias nacionalidades, enviou um telegrama ao Conselho da Revolução, exprimindo preocupação pela prisão de militares anti-fascistas. 2) Enviada ao Presidente da República e aos Chefes dos Estados Maiores dos três ramos das Forças Armadas, o Conselho de Moradores do Barreiro elaborou na noção em que se afirma "que os acontecimentos do 25 de Novembro

têm vindo a determinar que a breve tacha pode conduzir (se já não conduziu) a situações de autêntico fascismo".

Acentua-se na noção "que a repressão se exerce sobre pessoas de claradamente anti-fascistas e verdadeiramente revolucionárias, cujos actos forem sempre em favor dos trabalhadores".

Saliente-se também que "têm tido lugar impunes acções terroristas de árias do ELP e do MDLP devidamente apoiadas por organizações políticas de direita". 3) O Secretariado Provincial das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa afirma num comunicado que "o facto de homens que contribuíram para o 25 de Abril, trabalhadores que lutaram para a construção de uma sociedade mais digna da nossa pátria, se encontrarem a ferros neste momento, é motivo suficiente forte para que a classe operária e os trabalhadores em geral se unam em acções de solidariedade e fraternidade para com os camaradas injustamente presos. 4) A propósito da sua entrevista com o Presidente da República, os dirigentes da Federação dos Metalúrgicos afirmaram aos órgãos de informação que "os metalúrgicos vão dizer que não aceitam o congelamento de salários e da contratação colectiva, o qual consideram uma imposição e chantagem dos

patrões a que o governo cedeu sem ouvir os trabalhadores e contra os mais elementares direitos e interesses destes. O controle operário e a unidade sindical que os patrões estão a tentar destruir serão defendidos. Os metalúrgicos que vão hoje ao Presidente da República pensam que as questões que vão pôr diz respeito a toda a vida da classe operária, aos camponeses e a todos os trabalhadores. Se hoje vão só os metalúrgicos, amanhã iremos certamente todos, seja ao Presidente da República seja nas fábricas, nos campos ou nas ruas, para não permitir que a revolução volte atrás e as nossas conquistas nos sejam retiradas. A classe operária quer e vai andar para a frente".

5. Ainda dirigindo-se à imprensa quando da sua audiência (frugada) com o Presidente da República, os dirigentes da Federação dos Sindicatos dos Metalúrgicos declararam, a propósito da unidade sindical: "trate-se de uma conquista dos trabalhadores que nos querem roubar. Os trabalhadores sabem dar também uma resposta de classe a tal atitude que consideramos de traição à classe operária" mais adiante, os dirigentes metalúrgicos exigem a imediata libertação e a reintegração dos militares revolucionários presos.

6. Em comunicado dirigido ao

povo português, a propósito da demissão e suspensão de trabalhadores da informação, os Sindicatos dos Trabalhadores das Telecomunicações, os Rodoviários, dos Metalúrgicos e dos Trabalhadores dos Escritórios de Lisboa denunciam a forma e critérios em que se estão a processar os inquéritos e as arbitrariedades cometidas, que vão ao ponto de terem sido suspensos trabalhadores que nem estiveram nos locais de trabalho no dia 25 de Novembro.

7. No dia 2 de Janeiro, é lida numa Conferência de Imprensa promovida pelo Comité Russel um comunicado ao povo português dos militares e civis detidos em Custódias, onde a certa altura estas afirmam: "Por outro lado, levando em conta, não só a aparência como a insitância, com que alguns órgãos da Comunicação Social e também comunicados oficiais nos apelidaram de "contrarrevolucionários", há também, pensamos nós, a intenção de nos usarem como "moeda de troca" para a libertação dos assassínios da PIDE DGS, dos reacçãoários implicados no 28 de Setembro e 11 de Março e dos terroristas do ELP. Estas talvez as razões profundas do nosso isolamento e incomunicabilidade e também a razão da não divulgação por parte dos órgãos do poder, da verdade sobre o 25 de Novembro de 1975".

8. A toda a largura da sua última página, e com o título "Prisão de um Anticolonialista Consequente", a "Voz do Povo", jornal da República da Cabo Verde, manifestava, há dias, "pesar

e surpresa" pela divulgação do primeiro tenente Miguel Judas. O jornal, que publica ainda a foto daquele militar considera a prisão "como se tratasse de um autêntico filho da nossa terra" e sublinhava que durante todo o tempo em que ele prestou serviço em Cabo Vag da viu sempre nele um "autêntico camarada, um homem que viveu e apoiou, como revolucionário consequente, a nossa luta pela Independência Nacional.

9. Milhares de pessoas participaram nos funerais dos anti-fascistas assassinados em Custóias.

10. Os acontecimentos de Custóias horriporaram-me. A principal responsabilidade nelas é de quem tinha as armas e de quem deu ordens para disparar... Verifico que as versões oficiais estão em contradição com os factos", afirmou o deputado Trabalhista Britânico Tom

## A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA

A par da escalada repressiva, tem-se assistido nos últimos tempos no nosso país a um movimento de recuperação por parte do Capitalismo, da quase totalidade das posições perdidas após o 25 de Abril. Este movimento põe já directamente em causa as mais importantes conquistas antimonopolistas e antilatifundistas alcançadas pelos trabalhadores portugueses até ao 25 de Novembro. Ele caracteriza-se, por um lado, por uma série de medidas destinadas a beneficiar e a reaprimar o capital que vão desde a concessão de chorudas indemnizações

LIT'ERICH, membro do Comité Russe para Portugal, durante uma Conferência de Imprensa no Porto. "A verdade toda só será conhecida se não houver, como se quer, inquéritos secretos. Inquéritos secretos não são inquéritos, são operações de cobertura", afirmaria ainda.

11. Decorreu na tarde do dia 4, sem quaisquer incidentes, uma concentração de familiares e amigos de militares revolucionários presos em Custóias.

12. Treze sindicatos, dos distritos de Lisboa e Setúbal, constituíram-se em Comissão de Luta contra a carestia de vida e o congelamento da contratação colectiva, convocando uma "primeira demonstração de força e unidade" para o próximo dia 17, às 16 horas no Estádio Primeiro de Maio.

aos accionistas de empresas nacionalizadas, até às pressões no sentido de reconstituir as unidades agrícolas capitalistas no Alentejo e às tentativas da regulação de conceder credenciais às Comissões de Trabalhadores de empresas autogestionárias, de fazer regressar muitos capitalistas à posse das empresas por eles abandonadas e levadas à falência; por outro lado, numa agravamento sem paralelo da situação económica dos trabalhadores, através de uma política de alta de preços que atinge arti-

cont. na pág. 8

## O DIA UM DE JANEIRO

O que aconteceu a 1 de Janeiro tem paralelo apenas nalgumas das mais ferozes investidas repressivas do fascismo.

É fruto da existência de uma política antipopular que cada vez menos olha a meios para se impôr. Uma política assim dificilmente está disposta a admitir que os militares que ela quer fazer crer terem participado num "golpe de estado contrarrevolucionário", que os militares a quem desonfradamente insulta, que esses militares sejam alvo de manifestações de solidariedade por parte dos trabalhadores portugueses que neles veem revolucionários consequentes, homens do 25 de Abril que derrubaram o fascismo, que neles veem o M.F.A. Tudo isto parece ser demais para os que pretendem aniquilar os revolucionários das Forças Armadas, que assim se vão, devido à solidariedade popular para com os

militares revolucionários presos, impelidos de lhes agravar mais a situação. Tudo isto é demais para aqueles que não hesitam daturpar da forma mais escandalosa os acontecimentos de Caxias e Custóias e se permitem ameaçar os órgãos de informação que não acatam submissões a "verdade oficial dos factos". Mas é um erro pensar que a escaleada de medidas repressivas vai solucionar, "a bem ou mal", os problemas sociais do nosso país. O povo português tem a memória fresca e não está certamente disposto a deixar-se conduzir mansamente para uma nova ditadura fascista. Os antifascistas portugueses que são muitos, saberão unir-se e opôr-se à viragem acentuada à direita que se pretenda impôr à política portuguesa.

Uma nova situação se encontra ao analisarmos o processo da Rádio Estudantil.

O Ministro da Comunicação Social, no encontro que teve com o executivo da R.E. no dia 5, disse que estaria disposto a reabrir a R.E., com condições que seriam a excitação por nessa parte da lei de imprensa e da radiodifusão, do estatuto de empresa pública e o de produtor independente, assim como da elaboração de um estatuto editorial. Esta posição cria uma nova situação no processo para a reabertura da R.E.. Urge que as Direcções Associativas desenvolvam nas diversas escolas condições que signifiquem o continuar na luta, que demonstrem de forma firme que os estudantes portugueses estão dispostos a avançar até à reabertura da R.E.. Estamos certos que a luta é dura, no entanto a posição agora tomada, se bem que não signifique a vitória do processo, é desde já fruto da acção persistente dos estudantes portugueses.

O executivo da R.E.

## "O MONOPÓLIO DA VERDADE"

A informação livre e progressista continua a ser alvo dos ataques das forças de direita, que querem aproveitar ao máximo os ventos do 25 de Novembro. A última etapa desta escalada é a criação da chamada Emissora de Radiodifusão Portuguesa que vem controlar toda a Rádio à excepção da Rádio Renascença (que foi entregue ao Patriarcado). A forma como aquela emissora está a ser estruturada, especialmente no que toca ao serviço de noticiários, não deixa dúvidas sobre as intenções "democráticas e pluralistas" do Governo. E assim vai a direita conquistando o monopólio da informação, de que se serve para manipular vergonhosamente a opinião pública, lançar campanhas desenfreadas e admiradoras contra as forças de esquerda, deturpar factos, omitir acontecimentos, silenciar a voz das organizações progressistas como Sindicatos, Comissões de Trabalhadores e de Moradores, etc, não publicando ou censurando os seus comunicados, e assim por diante. Entretanto persistem a repressão aos trabalhadores da informação, a vaga de suspensões e o ambiente geral de intimidação que se vive em grande parte dos órgãos de informação.

Em muitos deles, a dactilografia ceninamente submissa dos comunicados oficiais, substitui o jornalismo, a parcialidade vesga (porém pluralista), o reaccionerismo substitui a informação progressista posta ao

serviço das massas trabalhadoras.

Tudo isto se tornou claro com os acontecimentos do 1º de Janeiro em Custóias e em Caxias. A tentativa desenfreada de impôr aos órgãos de informação a "verdade dos factos", toda feita de comunicados carrancudos e ameaçadores e de precipitadas conclusões irrefutáveis, lembra bem os tempos da outra senhora. Como igualmente lembra os tempos da censura o véu que se passa sobre os testemunhos de milhares de pessoas que estiveram presentes em Custóias e Caxias e que muito teriam que contar, caso fossem entrevistadas pela Televisão ou pelo Rádio; em vez disso, a verdade dos Governadores e dos Estados Maiores. Até aquela soberba irritação do Estado Maior do Exército contra as vozes discordantes nos lembra os tempos anteriores ao 25 de Abril.

Mas não é fácil impedir que a verdade seja conhecida. Pode-se dificultar a sua difusão, retê-la aqui ou ali, mas é impossível evitar que se propague como o vento. E o povo português está a tomar cada vez mais consciência da verdade e a tirar dela os seus ensinamentos.

cont. da pág. 6

gos de primeira necessidade (aumentando assim a margem de lucro dos capitalistas) e do congelamento da contratação colectiva.

O que é verdadeiramente característico é a interligação entre este movimento de recuperação da econo-

cont. na pág. 3